

Francisca Alves de Medeiros Couto¹

Marcos Nonato de Oliveira²

Podcasts to encourage reader training

Resumo:

Este artigo tem o objetivo de investigar as concepções dos alunos matriculados no nono ano do ensino fundamental sobre o Projeto "Leitores que formam leitores", que buscou incentivar e potencializar as práticas de leitura por meio das tecnologias digitais, em especial o podcast, bem como da aprendizagem baseada em projetos. O método utilizado foi o da pesquisa-ação, de cunho qualitativo e interpretativista, sustentado na etnometodologia. A fundamentação teórica foi construída com base em Andruetto (2017), Coscarelli (2016), Dewey (1979), Freire (2005), Moran (2018), Miccoli (2014), Petit (2008) e Rojo (2012). Os resultados mostram que a aprendizagem baseada em projetos, aliada ao uso das tecnologias digitais, propiciaram experiências motivadoras para a formação de leitores e contribuíram para a construção de concepções positivas sobre o ato de ler.

Palavras-chave: Formação de Leitores. Podcast. Aprendizagem Baseada em Projetos.

Abstract:

This research proposed to analyze how has been the continuing education of teachers from regular education of deaf students in Primary School, with a qualitative and exploratory nature, being developed using as methodological procedure the Case Study, with the use of a questionnaire applied to ten teachers of regular education, working in a school of the Municipal Education Network of Maracanaú (metropolitan region of Fortaleza – Ceará – Brasil), who had deaf students in their classes. The results suggest that school inclusion requires changes in the education structure and that many teachers working with deaf students are still far from the field of inclusive methodologies and with a deficit in continuing education in special education, either by a very intense work day or the low supply of training courses in special and inclusive education, and to have professionals trained to meet deaf students in the classroom requires investments by the education systems as well as in the perspective of self-training of teachers, which together with public policies, greater possibilities for learning can provide the student.

Keywords: *Inclusive Education. Teacher Training. Teaching the Deaf.*

1. Mestre pelo Proletras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) (2020). Professora de língua portuguesa na Escola de Ensino Fundamental Maria Núbia Vieira Novais e professora do Centro de Mídias da - E.E.M.T.I. Moisés Bento da Silva.

2. Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN.

1. INTRODUÇÃO

O incentivo à formação de leitores é um grande desafio à educação. Estimular o ato de ler se estabelece, principalmente, porque as concepções dos alunos influenciam todo o processo. A leitura exige diversos esforços, tais como: ativação dos conhecimentos prévios, realização de inferências para interpretar, identificação e esclarecimento daquilo que não foi compreendido. Esses aspectos, entre outros, podem estimular a concepção de que o ato de ler não é uma atividade prazerosa, tornando o trabalho dos mediadores de leitura ainda mais desafiador.

Cabe-nos, diante disso, refletir sobre quais seriam as metodologias propícias para incentivar a leitura, notadamente em atenção ao contexto brasileiro, que, segundo informações do Instituto de Pesquisa Econômica (Ipea), em documento publicado em 2018 pelo Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (IPC-IG/PNUD), é um País repleto de desigualdades. Muitos de nossos estudantes, por questões históricas, são oriundos de famílias não leitoras e, por isso, não costumam presenciar a prática da leitura em seu contexto social. Logo, a escola torna-se, talvez, o único ambiente de acesso aos bens culturais. A quinta edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020) revela que, em 2019, o número de não leitores no Brasil ainda era muito alto: 48% simplesmente não leem. Para Failla (2016), responsável pela referida pesquisa, "não há dúvidas de que a mediação, quando promovida pelo professor, pelo bibliotecário, pela família, por um voluntário ou outro agente leitor é poderosa no despertar do interesse pela leitura".

Outro desafio para a escola é acompanhar a evolução tecnológica, de maneira a atender a demanda do aluno do século XXI. As tecnologias digitais vêm provocando mudanças significativas no modo de vida das pessoas e na sua forma de perceber o mundo. A comunicação, via computador e/ou celular, alcança todas as camadas da sociedade, principalmente as novas gerações. A disseminação acelerada dessas tecnologias, especialmente da Internet, ocasiona oportunidades de acesso ao conhecimento, aos serviços, às pessoas, mas também inúmeros desafios para a sociedade. Os modos de se comunicar e de se relacionar com o conhecimento são modificados constantemente, exigindo maior competência de todos os sujeitos nas suas formas de pensar e agir no mundo.

Diante desse contexto, o desenvolvimento de estratégias que incentivem a formação de leitores é

relevante, tendo em vista que "a leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita" (ANTUNES, 2003, p. 70). Outrossim, de acordo com a BNCC (2017, p. 68), o ensino de língua portuguesa deve contemplar "a cultura digital, diferentes linguagens e diferentes letramentos, desde aqueles basicamente lineares, com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a hipermídia". Isso envolve o direcionamento de práticas coerentes com os processos cognitivos dessa nova geração. Além disso, o acesso ao ambiente conectado amplia as possibilidades de conhecer e valorizar outras culturas e contextos.

Nessa perspectiva, com base em autores como Andruetto (2017), Coscarelli (2016), Dewey (1979), Freire (2005), Moran (2018), Miccoli (2014), Petit (2008) e Rojo (2012), o presente estudo buscou investigar as concepções dos alunos matriculados no nono ano do ensino fundamental sobre o Projeto "Leitores que formam leitores", doravante Projeto LFL. Trata-se de uma proposta didático-pedagógica que teve o objetivo de incentivar a formação de novos leitores a partir do uso de tecnologias digitais, principalmente podcasts,¹ no contexto da aprendizagem baseada em projetos.

A execução do Projeto LFL ocorreu em duas fases; a primeira contou com a participação de oito alunos que se autodefiniram como "leitores ativos". Esses alunos assumiram, voluntariamente, o compromisso de participar de oficinas de pesquisa, de estudo e de produção de material didático (podcasts), para incentivar os demais alunos, da mesma sala, a realizarem as leituras indicadas nesses podcasts. A segunda fase foi desenvolvida com a apresentação do material produzido e com atividades de leitura. Assim, o objetivo deste estudo é discutir as concepções dos estudantes sobre estratégias que buscam motivá-los e engajá-los em práticas de leitura que podem representar um caminho para o aprimoramento de nossas práticas docentes. Para Miccoli (2014), a visão sistêmica daquilo que investigamos é ampliada quando a história é contada por quem a vivencia. Trata-se da possibilidade de se repensar os métodos, as abordagens de trabalho e os objetivos relativos a esse tipo de atividade, bem como entendermos melhor as concepções que os estudantes têm sobre as estratégias usadas para incentivar a leitura.

Para Dewey (1979, p. 17), a escola não prepara o aluno para a vida, trata-se do "[...] processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras". A educação, nessa perspectiva, envolve uma contínua

avaliação e reconstrução da experiência. Sendo assim, compreender aquilo que se investiga a partir da visão do sujeito que vivencia a experiência, torna-se relevante para que ocorram as mudanças desejadas.

2. A MEDIAÇÃO DA LEITURA: ambientes, suportes e estratégias

O processo de formação de leitores requer uma reflexão sobre os aspectos que envolvem o incentivo à leitura, isto é, a forma como esse processo acontece pode ou não contribuir para a formação de leitores. Zilberman (2013, p. 221) afirma que quando a escola cumpre seu papel, no contexto da formação de leitores, "transforma o indivíduo habilitado à leitura em um leitor". Do contrário, se a escola falha nesse propósito, pode afastar o aluno de todo tipo de leitura.

Para Andruetto (2017), a escola e o professor têm papel fundamental na diminuição da distância entre os livros e os alunos, de criar oportunidades de acesso à leitura com a visão de que o ato de ler por prazer deve caminhar em conjunto com a leitura crítica e transformadora. A autora acredita na existência de pontes que ligam os livros aos leitores, visto que "[...] onde houver um leitor, houve antes outros leitores, uma família, um professor, um bibliotecário, uma escola, outros que estenderem pontes" (ANDRUETTO, 2017, p. 24). Os esforços devem, portanto, estar voltados para a qualidade dessas pontes, ou seja, a qualidade da mediação.

O que se tem visto, no entanto, é que os estudantes perdem o interesse pela leitura conforme vão se passando os anos letivos (COLOMER, 2007). Talvez porque tenham desenvolvido apenas o hábito da leitura que, em conformidade com Villardi (1999), refere-se às atividades realizadas por um longo período, quase que diariamente, devido à leitura ser o ponto central do processo de ensino e aprendizagem, na fase de escolarização. O hábito criado nem sempre permanece, pois trata-se de leituras obrigatórias, o que torna o ato de ler desinteressante. Segundo Villardi (1999, p. 11), essa perspectiva, apesar de ser desejável, é insuficiente para que a leitura venha a fazer parte do cotidiano das pessoas. Há, nesse sentido, a necessidade de se "[...] desenvolver o gosto pela leitura, a fim de que possamos formar um leitor para a vida toda". Sendo assim, é importante criar espaços que privilegiem a leitura por prazer, por fruição.

Buscando compreender como despertar esse interesse, lançamos nosso olhar para a mediação da leitura, na perspectiva da dialogicidade, um dos eixos fundantes

das teorias freirianas, que pode ser entendida como prática fundamental para a construção e/ou apropriação do conhecimento. Como se verifica em Freire (2005), sendo o diálogo a essência da educação, é por meio dele que nascem as práticas sociais e culturais, numa ação autônoma e libertadora, nas quais todos precisam ser reconhecidos e valorizados, portanto:

O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. (Freire, 2005, p. 91)

Seguindo essa lógica, o desejo de ler e de conhecer nasce quando o interesse em aprender ou descobrir é despertado, numa relação horizontal, dialógica e dialética entre professor e aluno. Essa relação educador-educando busca despertar a consciência crítica transformadora. A mediação pelo diálogo tem caráter humanístico e almeja o bem comum por meio da politização. Por conseguinte, na mediação, as leituras propostas devem estar relacionadas com as experiências e com o contexto do aluno leitor, para que estes possam trazer a discussão da obra lida para o seu dia a dia. O mediador/incentivador da leitura busca, entre outras coisas, ajudar a percorrer o caminho para formação leitora, legitimando o desejo de ler dos que ainda não estão seguros, criando estratégias para que os alunos sejam envolvidos pelo universo da leitura.

Para Moran (2018), uma estratégia para a inovação pedagógica é a combinação de metodologias ativas e as tecnologias digitais, pois elas "ampliam as possibilidades de pesquisa, autoria, comunicação e compartilhamento em rede, publicação, multiplicação de espaços, de tempos; monitoram cada etapa do processo, visibilizam os resultados, os avanços e dificuldades" (MORAN, 2018, p. 10). Diante disso, o professor assume o papel de mediador, colaborando para o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e do progresso acadêmico do aprendiz.

Como mediador, o professor orienta o aprendiz e ajuda os estudantes a elaborarem seus próprios projetos, num processo de busca de respostas a questões que apresentem significados reais e relevantes para eles. "Tais processos se tornam mais viáveis com a disseminação das tecnologias móveis, com conexão sem fio à Internet, associada com as facilidades de manuseio das ferramentas e interfaces gratuitas, com potencial de interação, autoria e colaboração" (ALMEIDA; VALENTE, 2012, p. 61). Assim, consideramos que o envolvimento de nossos alunos como autores em

projetos que agregam o uso de tecnologias digitais é fundamental não só para a ressignificação das práticas pedagógicas, mas para que aconteça, de fato, a formação de sujeitos preparados para as demandas da contemporaneidade.

Sobre a prática docente, é ilusório considerar que pode haver mudanças no processo de ensino-aprendizagem sem que o professor esteja aberto a rever, constantemente, sua prática, buscando suportes teóricos e conhecimentos específicos sobre como utilizar de forma didática as tecnologias digitais disponíveis na atualidade. Por isso, é preciso reconhecer que "o mundo é híbrido e ativo, o ensino e a aprendizagem também, com muitos caminhos e itinerários que precisamos conhecer, acompanhar, avaliar e compartilhar de forma aberta, coerente e empreendedora" (MORAN, 2018, p. 603-605). Por conseguinte, o autor assevera que

As tecnologias facilitam a aprendizagem colaborativa, entre colegas próximos e distantes. É cada vez mais importante a comunicação entre pares, entre iguais, dos alunos entre si, trocando informações, participando de atividades em conjunto, resolvendo desafios, realizando projetos, avaliando-se mutuamente (MORAN, 2018, p. 603-605).

Fica evidente que, em um período de tantas transformações e incertezas, é importante trabalharmos com metodologias mais flexíveis, com projetos reais, buscando transformar nossas práticas de ensino transmissivo em contextos de aprendizagem mais dinâmicos e realmente relevantes para nossos alunos. Consideramos, então, que a aprendizagem baseada em projetos aliada ao uso das tecnologias digitais, num contexto cooperativo entre alunos e professores, aponta para transformações significativas e produtivas na sala de aula, de forma mais específica para a formação de leitores.

As práticas de leitura que antes aconteciam exclusivamente na sala de aula e na biblioteca, por meio dos livros impressos, também podem ocorrer em outros suportes: nas telas dos computadores, em tablets e em celulares, acessíveis, praticamente, em todos os ambientes. A ideia de linearidade da leitura no impresso é ampliada com a incorporação de links, sons, imagens estáticas e em movimento. Ter acesso a novos suportes indica, ainda, ampliar o domínio sobre outras formas de ler e se comunicar.

Em vista disso, as práticas de letramento digital precisam estar presentes na escola, já que, para a formação de leitores mais competentes, é imprescindível que haja

uma quebra de paradigma e que sejam criados espaços para a leitura em diversos suportes (JIMENEZ, 2013). E "se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências/capacidades de leitura e produção de textos exigidas para participar de práticas de letramento atuais não podem ser as mesmas" (ROJO, 2012, p. 8). Por esse prisma, o trabalho com a leitura em ambientes virtuais transcende a possibilidade de aquisição da competência leitora e abre espaço para os multiletramentos e, de forma mais específica, para o letramento digital.

Sobre a competência leitora em tela, Coscarelli (2016) afirma ser necessário entender os aspectos cognitivos que envolvem leitura na tela, pois as habilidades e estratégias de leitura e "navegação" precisam estar entrelaçadas para que aconteça uma leitura on-line eficiente. Isso é importante para que o professor detecte problemas que dificultam esse tipo de leitura.

Referente a isso, Paiva (2016) propõe, ao ensino de leitura de textos digitais, entender as habilidades em níveis recursivos, ou seja, primeiramente em um nível mais amplo e depois em um nível mais específico. O conjunto dessas habilidades de que o leitor lança mão ao ler o texto é chamado de "matriz de habilidades recursivas". Compreendemos, desse modo, que a interação continuada em ambientes virtuais é importante para a formação de leitores mais proficientes, pois possibilita o envolvimento em situações concretas, como também permite o contato com outras pessoas, com níveis diversos de cognição.

3. METODOLOGIA

Adotamos, para este estudo, o caráter qualitativo e interpretativista sustentado pela etnometodologia, uma abordagem teórico-metodológica que apresenta como conceitos-chave: a indicialidade, a reflexividade, a relatabilidade e a noção de membro. Todos com alto grau de complementaridade e de solidariedade. (GARFINKEL, 1984). Quanto aos procedimentos de investigação, adotamos a pesquisa-ação de cunho educacional que tem como propósito aprimorar práticas de ensino e aprendizagem. Tripp (2005, p. 445) a conceitua como "[...] uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos [...]". Por essa lógica, a pesquisa-ação visa a mais que descrever; pretende atuar no contexto situacional da pesquisa, a fim de modificá-lo.

O universo desta pesquisa é uma escola pública

municipal de uma cidade do interior do Ceará, na qual a pesquisadora atua como professora. Os participantes/colaboradores compõem a turma de 26 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, do turno vespertino, e uma professora de língua portuguesa, que também é a pesquisadora deste trabalho. Os instrumentos usados para coleta de dados foram os relatos de experiências produzidos ao término das atividades.

Com o desenvolvimento do Projeto LFL, foi realizada uma sequência de atividades e oficinas que resultaram na construção de um repositório digital, disponibilizado em um blog contendo os podcasts e links de acesso aos livros de ficção escolhidos e indicados pelos alunos formadores, a partir de seus próprios repertórios de leitura. Essas ações se desenvolveram em duas fases. Na primeira, os oito alunos voluntários matriculados no 9º Ano B (leitores ativos que aceitaram participar, como formadores de novos leitores) assumiram o compromisso de criar podcasts contendo resenhas de livros de ficção, disponibilizá-los em uma página da Internet e divulgá-los para os demais alunos participantes (18 alunos envolvidos na segunda fase do projeto), com o intuito de conquistá-los para o universo da leitura. Na fase seguinte, foi exposto o material produzido na primeira fase pelos alunos formadores e os demais estudantes foram convidados a "navegar" no repositório digital e acessar os podcasts. Daí, então, poderiam escolher um dos textos indicados e realizar sua leitura. Também foram convidados a fazer parte do projeto, em momento posterior, produzindo podcasts, caso atendessem aos critérios de escolha para compor o grupo de formadores. Em consequência disso, deu-se a criação de um repositório digital, ou seja, uma página que possibilita contribuições posteriores de outros estudantes.

No sentido de dar ciência dos elementos do trabalho e dos aspectos éticos constitutivos do projeto, criamos um Termo de Consentimento e Livre Participação (TECLE) que foi devidamente assinado pelos responsáveis dos participantes. Assim, buscando resguardar eticamente a identidade dos alunos participantes, a identificação foi realizada através do seguinte código: "ALP" (Aluno Participante).

Para realizar a análise dos dados utilizamos como unidades de análise: i) Motivação e engajamento nas práticas de leitura com a aplicação do Projeto LFL; ii) Concepções dos participantes sobre leitura, depois da aplicação do Projeto LFL. Foram selecionados nove textos dentre os 18 relatos produzidos ao fim da aplicação das atividades. O recorte, contendo 50% dos textos escritos, resulta da observação de pontos ou

ideias que se revelaram como resposta ao objetivo deste estudo.

4. REFLEXÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

No que concerne à unidade de análise Motivação e engajamento nas práticas de leitura com a aplicação do Projeto LFL, tanto a motivação quanto o engajamento nas práticas de leitura se mostraram evidentes, após o levantamento sobre a quantidade de alunos que iniciaram a leitura dos livros sugeridos. De um total de 18 alunos participantes, 17 realizaram as leituras indicadas, o que corresponde, aproximadamente, a 95%. Todavia, foi a partir dos relatos desses estudantes que compreendemos, mais detalhadamente, a forma como se empenharam nas práticas de leitura e se, realmente, se sentiram motivados. Os trechos foram extraídos dos relatos de experiência produzidos pelos participantes da segunda fase do Projeto LFL e foram organizados conforme os temas Motivação e engajamento, nos excertos, respectivamente.

ALP1: Fiquei **tão interessado** por esse blog, pois achei uma ótima ideia, até li um dos livros que tinha nele, pois **me interessei bastante**. O livro Muito mais que o acaso, um livro maravilhoso, com o público-alvo para os adolescentes.

ALP5: Ainda não comecei a ler os livros do projeto, mas vou ler depois. **Estou muito curiosa** para saber a história de "Go".

ALP7: Vou começar a ler o livro hoje. **Gostei muito** do que disseram sobre o livro Nunca serei um super-herói. Então vou ler assim que terminar de estudar para as provas.

ALP8: Eu achei **muito legal** esse projeto. [...] **Comecei a ler** um livro, mas depois fiquei sem tempo por causa do futebol. Vou terminar a semana que vem. (REAP)

Nos trechos destacados, evidencia-se que os alunos se sentiram motivados a realizar as leituras depois das atividades empreendidas. Cabe, nesse sentido, aludir às palavras de Petit (2008, p. 145, grifos da autora), quando ela remete àquilo que pode influenciar na formação de leitores: "trata-se, enfim, de uma questão de 'espírito de lugar': um contexto, um ambiente mais amplo que o da família, que o do próprio meio social, pode incentivar a leitura". Pensando assim, criar um ambiente propício à formação de uma comunidade de leitores, provocando mudanças nos modos de perceber a leitura, pode ser um caminho viável para alcançar melhores resultados.

Na voz do participante ALP1, por exemplo, é possível depreender que o ambiente gerado com as atividades do projeto o motivou a iniciar a leitura de um dos livros. Isso fica evidente na passagem "fiquei tão interessado".

Ou ainda na passagem ALP5, em que fica evidente que o objetivo de despertar a curiosidade dos alunos em relação ao conteúdo dos livros foi alcançado. De fato, o próprio ato de ler um livro já está carregado de curiosidades e de segredos, conforme Andruetto (2017, p. 77), ao ver a leitura como "encontro entre subjetividades, como desvelar um segredo que outro nos escondeu. Um segredo que semeou no livro seus traços e nos convida a revelá-lo, pois o que nos leva a prosseguir na página é saber que ali permanece algo não dito". Desse modo, a forma como os podcasts foram produzidos, oferecendo ao ouvinte uma pequena introdução ao conteúdo do livro para despertar a curiosidade pelo final, mostrou-se eficaz, visto que os alunos se sentiram curiosos para saber mais sobre o referido texto. Isso se evidencia na narrativa de ALP7: "Vou começar a ler o livro hoje. Gostei muito do que disseram sobre o livro". Todavia, nem todos os alunos se sentiram motivados pelo "espírito do lugar". O participante ALP8 não demonstrou o mesmo interesse, apesar de ter mencionado que considerou o projeto legal. No tocante ao engajamento dos alunos em relação ao trabalho de incentivo à leitura, os resultados revelam que houve adesão significativa.

ALP2: Os colegas falaram que iam passar os podcasts para incentivarem a leitura, e realmente foi isso que aconteceu. **pessoas começaram a falar que iam ler os livros** mencionados nos áudios. **Eu mesma estou lendo o livro** Extraordinário. É muito triste no começo, mas depois ele vence todos os problemas. Eu chorei muito.

ALP3: Estou na página 25 do livro Go. Estou gostando. No começo foi meio enfadonho, mas, no podcast, falava de uma parte que me deixou curiosa, aí quis ler mais para saber o que tinha realmente acontecido. **Então fui lendo e gostando mais e mais.**

ALP4: Antes, eu já tinha começado a ler o livro Extraordinário, mas tinha desistido, fiquei entediado e não quis mais ler. **Depois do projeto fiquei com vontade de terminar e estou lendo agora,** só que no celular. Ainda prefiro ler no livro, mas ler no celular é bem mais prático porque a gente já vive com ele e também porque não precisa marcar a página.

ALP6: Eu não acreditava que podia me emocionar tanto lendo um livro. Os meninos tinham razão, o livro é muito bom e a leitura na tela do celular foi bem legal também porque a gente pode ler em qualquer canto e quando abre a página tá onde deixei. (REAP)

Os relatos dos alunos indicam que a estratégia usada os motivou a permanecerem lendo os livros, portanto, além da motivação inicial, houve engajamento no decorrer das atividades de leitura. Mesmo havendo uma experiência inicial negativa do participante ALP3, ao considerar enfadonho o início da leitura, seu engajamento permaneceu, não havendo interferência em seu propósito de continuar lendo. Para ALP6, a leitura

provocou emoção. Isso talvez tenha ocorrido por se tratar de atividade autônoma. Para Villardi (1999), experiências de leitura por prazer, por fruição, são mais eficientes na formação leitores para a vida toda.

O suporte utilizado para a leitura das obras também provocou reflexões, pois a experiência de ler na tela do celular exige novas habilidades e estratégias. Coscarelli (2016) entende que a leitura na tela exige o entrelaçamento das habilidades e estratégias de leitura junto a outras de "navegação". Evidenciamos, nesse sentido, que os participantes não sentiram dificuldade em ler as obras indicadas na tela do celular. Avaliam somente algumas características inerentes à leitura no impresso e à leitura em meio digital. Os participantes ALP4 e ALP6 destacam que as vantagens de realizar a leitura no celular devem-se ao fato de estarem sempre de posse do aparelho e, por isso, poderiam retornar à leitura em qualquer momento e espaço. Além disso, ressaltaram a facilidade de retornarem à página em que haviam parado. No entanto, ALP4 afirma preferir a leitura no livro físico, mesmo diante dessas vantagens. Sobre a leitura em novos suportes, Jimenez (2013) explica que tanto a escola quanto o professor devem empreender práticas de leitura em diversos suportes para a formação de leitores mais competentes e, assim, abrir espaços para os multiletramentos.

O repertório de livros escolhidos para a produção dos podcasts merece discussão. Trata-se de obras escolhidas a partir dos repertórios de leitura dos formadores e, portanto, inseridas na cultura do alunado, o que representa uma interação entre a sala de aula e os espaços extraescolares. Entendemos que essa interação possibilita a construção de significados no aprendizado, levando-se em conta a multiplicidade de culturas existentes na sociedade atual. Nesse sentido, Rojo (2012) sinaliza para a necessidade de se oferecer uma educação integradora, que respeite e valorize as diferentes culturas, principalmente no Brasil, devido à relevância de se formar cidadãos éticos, democráticos e desprovidos de preconceitos. Relacionado a essa questão, compreendemos que trazer representações culturais para a sala de aula através da utilização dos livros escolhidos pelos próprios estudantes representa também uma forma de motivação para a realização das leituras, uma vez que tal estratégia visa a valorizar a cultura do aluno. Além disso, abre espaços para a reflexão sobre as relações entre as culturas local, global e valorizada.

Diante do exposto, verificamos que as práticas de leitura propostas mediante o uso de uma tecnologia digital (o podcast) gerou experiências que sustentaram o estímulo à leitura. A estratégia de despertar a curiosidade do

ouvinte para conhecer o final da história do livro promoveu motivação e engajamento nas práticas de leitura, e os objetivos do projeto de usar o podcast como potencializador das práticas de leitura e oportunizar situações de contato com a leitura em meio digital foram atingidos. As experiências ainda estimularam reflexões sobre suportes de leitura (impresso e digital). Ficou evidente a viabilidade de se construir experiências que congregam tecnologias digitais e incentivo à leitura.

Quanto às Concepções dos participantes sobre leitura, depois da aplicação do Projeto LFL, percebemos que a concepção referente à leitura se ampliou, no sentido de reconhecerem sua importância para várias esferas da vida.

ALP1: Entendo que **ler é importante para sermos pessoas melhores, mais preparadas para a vida.**

AL2: [...] **sem ler não podemos melhorar nos estudos e nem conhecer outros mundos encantados.**

ALP3: O projeto tem como objetivo trazer mais pessoas para o mundo da leitura e mostrar a importância da leitura na vida das pessoas, ou seja, mostrar **que quem lê tem mais chances de conhecer coisas novas, novos mundos, novas formas de pensar.**

ALP4: Os alunos formadores fizeram um bom trabalho, mostraram que **ler é bom e que pode mudar nossa vida, pois quem lê é capaz de crescer muito na vida e de aprender muitas coisas interessantes.**

ALP5: E em minhas considerações finais, dou parabéns à ideia, execução e a quem for merecido o prestígio deste projeto, **pois ler é sempre importante, principalmente para os que buscam melhorar nos estudos e na vida mesmo.**

ALP6: Para mim, **a leitura sempre foi uma fonte de prazer, e com esse projeto, acho que as pessoas vão achar isso também.**

ALP7: Além disso, o blog também é superinteressante porque chama a atenção dos usuários para **a prática da leitura, importante na área tanto educacional como social dos alunos.**

ALP8: [...] **ler é diversão, é alegria, é descobrir coisas diferentes. Ler é massa.** Esse projeto diz isso. (REAP)

Evidenciamos, por meio dos excertos, que a concepção de leitura criada a partir das experiências com as atividades de incentivo à leitura está em consonância com as ideias de Antunes (2003), ao afirmar que o professor deve criar estratégias para que o aprendiz construa uma relação positiva com a leitura e tenha consciência dos poderes que ela lhe confere. Nesse sentido, inferimos, por meio da narrativa de ALP4, por exemplo, que os alunos compreendem a leitura como algo capaz de transformar a vida por permitir progresso acadêmico e pessoal. Tal ideia encontra respaldo nas concepções de Freire (2005) e Petit (2008), entre outros autores que entendem a leitura como instrumento de poder e, por isso, algo que pode transformar realidades sociais.

Depreendemos também, a partir das narrativas de ALP2, ALP3, ALP6 e ALP8A, que os participantes construíram ainda a ideia de que ler possibilita momentos de diversão, alegria, novas descobertas e novas formas de pensar e ver o mundo. A leitura, a partir desse pensamento, contribui para o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e da consciência crítica. Nessa perspectiva, Petit (2008) afirma que a leitura pode transformar a representação que os indivíduos têm de si mesmos, sua maneira de pensar, além dos tipos de relações sociais. Essa autora ainda afirma que há possibilidade de mudanças relacionadas à sociabilidade, à solidariedade e à maneira de perceber o ambiente em que vivem.

Diante dessas ponderações, deduzimos que as experiências com as atividades de incentivo à prática de leitura provocaram ou reforçaram concepções/ideias positivas do ato de ler e o reconhecimento de que, através dela, muitas esferas da vida podem ser transformadas. Consideramos que o conhecimento das concepções ou ideias dos alunos sobre o conteúdo trabalhado em sala de aula é importante para que se construam ou se reconstruam novos olhares e novas perspectivas, buscando-se efetivar o processo de ensinar e aprender. Fundamentados em Miccoli (2014), concordamos que a reflexão sobre a experiência auxilia a mudança e que a compreensão da relação entre experiência, concepção e ação é indispensável para entendermos como as mudanças acontecem e como repercutem no âmbito educacional.

Essa provável mudança ou o reforço nas ideias e concepções sobre leitura trazem à tona um questionamento: Os alunos se tornarão realmente leitores ativos devido a essas reflexões sobre o poder da leitura? Entendemos que pode ser, talvez, o primeiro passo. Com base em Dewey (1979), as experiências pessoais e coletivas caracterizam-se por incertezas e paradoxos, mas quando a experiência é reflexiva, há transformação. Diante disso, há possibilidades de que as concepções construídas sobre a importância da leitura possam influenciar as atitudes desses estudantes em relação ao ato de ler.

Desse modo, para que as experiências possam, de fato, influenciar a ação de ler, é primordial que professores e alunos compreendam que os fatores essenciais para a mudança são a experiência e a reflexão sobre a experiência. Ademais, Freire (2005, p. 45) afirma que "o importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das intuições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica". Sendo assim, levar os resultados deste estudo ao conhecimento dos participantes para que possam refletir, questionar e opinar seria também

oportuno para mudanças mais sólidas nas relações entre os estudantes e a leitura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre os resultados da análise de dados, foi possível constatar que houve envolvimento significativo do grupo, em um ambiente rico em aprendizagem. As narrativas dos participantes revelaram que os caminhos percorridos geraram concepções relacionadas à leitura como algo capaz de transformar a vida, por permitir progresso acadêmico e pessoal. Sobre a Motivação e engajamento nas práticas de leitura, os participantes se mostraram receptivos e dispostos a iniciar as leituras após a audição dos podcasts. Assim, identificamos concepções positivas em relação à estratégia e ao suporte. Percebemos que a maioria se sentiu motivada e engajada devido, principalmente, à forma como os podcasts foram produzidos, isto é, trazendo uma pequena introdução do conteúdo do livro para despertar a curiosidade pelo restante da história. Entendemos que os estudantes, ao afirmarem que os podcasts foram importantes, tanto por serem uma novidade quanto pelo conteúdo disponibilizado, estabeleceram uma relação positiva com essa tecnologia. Dessa maneira, percebemos que as experiências trouxeram mudanças quanto a algumas concepções dos participantes e,

consequentemente, quanto ao interesse pela leitura de livros e pela participação em contextos de aprendizagem ativos, permeados pelas tecnologias digitais.

Reconhecemos que as concepções geradas em virtude dessas experiências foram, de modo geral, relevantes e que contribuíram para uma concepção mais otimista sobre o universo educacional. Acreditamos que este estudo mostrou que experiências construídas em contextos metodológicos ativos e com o uso das tecnologias digitais, em nosso estudo, mais especificamente o podcast, podem potencializar as práticas de leitura. Ademais, os resultados atestam que essas experiências estimulam a colaboração, a autoria de conteúdo pelos estudantes e o espírito investigativo. Os participantes se colocaram no centro do processo a partir de um objetivo comum, promovendo compartilhamento de conceitos, responsabilidade social e valorização da cultura local. Portanto, esta pesquisa coloca-se como uma contribuição para a reflexão sobre as práticas educativas. Esperamos que sejam realizados novos estudos voltados para experiências que retratem a visão de professores e de alunos em suas práticas, especialmente em situações que combinem metodologias ativas, tecnologias digitais e leitura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. B; VALENTE, J. A. Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, p. 57-82, 2012.

ANDRUETTO, M. T. **A leitura, outra revolução**. Trad. Newton Cunha. São Paulo: Sesc, 2017.

ANTUNES, I. *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL, Nações Unidas no. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada IPEA/IPC-IG/PNUD**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-no-brasil/ipc-igpnud/>. Acesso em: 20 mai. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

- COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSCARELLI, C. V. Navegar e ler na rota do aprender. In: COSCARELLI, C. V. et al. (Org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 61-80.
- DEWEY, J. **Experiência e Educação**. 3 ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1979.
- FAILLA, Z. (Org.) **Retratos da leitura no Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Sextante; São Paulo: Instituto Pró-livro, 2016.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 42 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- GARFINKEL, H. **Studies in ethnomethodology**. Englewood C. Liffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1984.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 5 ed. São Paulo, 2020. Disponível em <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- JIMENEZ, M. C. R. A leitura do hipertexto no contexto de formação de educadores. **Na Ponta do Lápis**, São Paulo, n. 22, p. 38-41, 2013.
- MICCOLI, L. **Pesquisa experiencial em contextos de aprendizagem**: uma abordagem em evolução. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.
- MORAN, J. M. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. In: BACICH, L.; MORAN, J. (Orgs.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2018.
- PAIVA, F. A. Leitura de imagens em infográficos. In: COSCARELLI, C.V. **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 43-59.
- PETIT, M. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.
- ROJO, R. Pedagogia dos Multiletramentos. In: ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-32.
- TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo, v. 31, p. 443-466, 2005.
- VILLARDI, R. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Dunya Editora, 1999.
- ZILBERMAN, R. Porque a leitura da literatura na escola. In: AMORIM, M. A.; CARVALHO, A. M.; GERHARDT, A. F. L. M. (Orgs.) **Linguística aplicada e ensino**. língua e literatura. Campinas: Pontes, 2013. p. 209-230.